

# Integralistas têm tímido 'lobby' para a Constituinte

JOÃO BATISTA NATALI

Da Reportagem Local

Um pequeno mas quase perdoável paradoxo: Dario Alves, 48, secretário da Casa de Plínio Salgado, pequena e saudosista instituição com sede em São Paulo, afirma que os integralistas desejam única e exclusivamente permanecerem em silêncio e à margem das discussões políticas. Mesmo assim, a entidade de que é dirigente está elaborando um projeto de Constituição a ser enviado aos cerca de duzentos deputados e senadores que julga "de confiança" no Congresso constituinte.

Enquanto isso, da. Carmela Salgado, 75, viúva do fundador e grande "chefe" da Ação Integralista Brasileira (AIB), nascido em 1895 e falecido em 1975, reimprimiu e já expediu para simpatizantes perto de mil exemplares de um projeto de emenda constitucional, apresentado no Congresso em 1966 por seu marido, na época, então deputado paulista pela Arena, instituindo uma Câmara Orgânica em que entidades patronais e sindicais, artísticas e religiosas constituiriam, com seus representantes, uma espécie de terceiro plenário do Legislativo federal.

Convenhamos que uma e outra iniciativa são quantitativamente irrisórias, se comparadas à pressão que essa mesma direita organizada exerceu, em 1934, quando pela penúltima vez na história republicana os brasi-

leiros elegeram seus representantes para a redação de uma Constituição. Some-se a isso o fato de a única sigla que hoje reivindica a herança integralista — o Partido de Ação Nacionalista (PAN) — não se ter viabilizado a tempo para disputar as eleições de 15 de novembro, e seu presidente nacional, Rômulo Augusto Romero Fontes, concorrendo a deputado federal pelo modesto PND, ter obtido simbólicos 396 votos em São Paulo.

Em verdade, desorganizados e divididos, os velhos integralistas e seus descendentes políticos contentam-se em recitar nomes de seus hipotéticos ou reais aliados, que atuarão como porta-vozes, no Congresso, de uma doutrina que aparentemente não sensibilizou os grupos conservadores mais articulados e menos arcaicos que o país foi capaz de gerar.

"O integralismo nasceu em 1932 e desapareceu em 1937. A Casa de Plínio Salgado não é um centro de ação política", afirma Dario Alves, acrescentando estar hoje fora de cogitação a criação de uma sigla, como o PRP, Partido de Representação Popular, que Salgado dirigiu entre 1947 e 1966, e que foi um dos pequenos entre os treze autorizados a funcionar até o movimento de 1964.

## Postura "contemplativa"

Os dirigentes da Casa estariam pecando por uma postura "apenas

contemplativa da obra de Plínio Salgado", afirma em São Paulo o secretário-geral do PAN, Antônio Carlos Meireles, 42, para quem seu partido, saindo a campo há menos de quatro anos, e com um grupo inicial de dez militantes, conseguiu "arrebatar a atenção dos integralistas". Ele cita as duas convenções já realizadas, a segunda delas, em Brasília, com representantes de doze dos dezoito Estados em que o PAN possui núcleos organizados. Por sua vez, o "Ação Nacional", por ele publicado com periodicidade irregular — o último saiu há quatro meses e o próximo será impresso em janeiro — tem trinta mil exemplares, doze dos quais distribuídos a assinantes.

O desempenho eleitoral de Rômulo Fontes é, para Meireles, um episódio secundário. "Apoiamos muitos outros candidatos em partidos diferentes, preferindo de forma prioritária resistir ideologicamente a representantes de certas correntes políticas", diz ele, afirmando ter sido o PAN que lançou, no ano passado, o lema "Cristão vota em Jânio", sem no entanto cobrar do prefeito paulistano nenhuma recompensa em termos logísticos ou de cargos públicos.

Adversária da criação de um partido específico, Carmela Salgado defende, na prática, um comportamento eleitoral que o PAN acabou adotando como alternativa também

seguida por outros grupos não reconhecidos pela Justiça Eleitoral. "Não precisamos dos partidos políticos, porque temos amigos em todos eles. Até no PT", afirma ela, sem fornecer maiores detalhes, em seu apartamento no Jardim Paulista, zona sul de São Paulo. Mesmo se o PT é um exemplo digno do mais puro curto-circuito, diante do impossível acasalamento do nacionalismo de direita com a esquerda sindical ou intelectualizada, da. Carmela mencionou nomes dos escalões intermediários do PMDB, que, procurados pela Folha, negaram constrangidos serem integralistas, embora se definissem como amigos e admiradores do fundador da AIB.

A Casa de Plínio Salgado, sobrevivente de um grupo de entidades hoje desativadas, como a Associação Brasileira de Cultura e o Centro Cultural Jackson Figueiredo, ambas no passado instaladas na avenida Brigadeiro Luís Antônio (centro), diz ter adotado a mesma tática do apoio disperso e diluído a candidatos de outros partidos. Mesmo que, com isso, perca seu poder de pressão, a modesta redação de um projeto constitucional, "a ser entregue pessoalmente" aos parlamentares escolhidos, define, para Dario Alves, o tipo de atuação discreta que os filiados da Casa desejam. Não se trata de propor uma República Corporativista, como a apreçoada por

Plínio Salgado na década de 30. Ambicionando ser uma "síntese do pensamento constitucional brasileiro", o documento se alimentaria em fontes consideradas precursoras da AIB, como Alberto Torres, Pandiá Calógeras e Oliveira Viana, e obviamente em Plínio Salgado, como em sua proposta de "deveres" paralelos aos direitos dos cidadãos.

Essa heterodoxia com relação ao pensamento do "chefe" é em parte compartilhada pelo PAN, que rejeita a ideia de constituição de milícias, e, de acordo com Meireles, nega-se a transformar em pedra angular da militância o que chama de "fisiologismo anticomunista", praticado por grupos da direita nas duas últimas décadas. Em seu pequeno raio de influência, no entanto, o pequeno partido diz pretender influir para que as Forças Armadas não percam seu poder de intervenção nos assuntos de segurança interna, na eventualidade de futuras convulsões.